

O QUE ECOA NO ARQUIVO FOTOGRÁFICO DE SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

Nádia Philippsen Fürbringer
nadiapf@gmail.com
Doutoranda | PPGAS/UFSC
Bolsista CAPES

Resumo: O que ecoa no arquivo fotográfico de Sílvio Coelho dos Santos Um arquivo fotográfico com mais de 2.500 diapositivos é percorrido em busca de rastros de vozes - ou de silêncios - nas fotografias acumuladas em décadas de pesquisa antropológica. Experimenta-se navegar no arquivo fotográfico do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, visando compreender o arquivo na sua materialidade e na ressonância com diversos sujeitos que sustentam a rede no qual o arquivo se encontra. Ainda que localizado dentro de uma reserva técnica, o arquivo é constantemente acionado por diversas pessoas, professores e alunos, pesquisadores indígenas e não indígenas, corpo técnico do museu, entre outros interessados. A experiência com o arquivo olha para quem se interessa por ele, mas também para a imagem, para a jaqueta que guarda o slide, para a legenda. Promover encontros e (re)conhecimentos dessas imagens pelos grupos registrados décadas atrás também é uma forma de experimentar o arquivo nesta pesquisa. Observando-se vários processos de reapropriação dessas coleções de imagens quando (re)conhecidos, centrados na contribuição dos Laklãnô/Xokleng na construção das informações sobre estas imagens. E assim acompanhar como a informação adquirida recentemente pode ser incorporada na documentação do arquivo no museu. Acompanhar o que ecoa daquilo que é dito e do que não é dito, como informação e composição da imagem rememorada.

Palavras-chave: fotografia, museus, narrativas.

INTRODUÇÃO

Registros fotográficos das pesquisas de campo em Antropologia são parte constitutivas da pesquisa desde que “estar lá” definia padrões necessários a uma

etnografia de qualidade (Geertz, 1998). Persiste a recorrência que pesquisadores retornem de campo com seus diários de campo somados aos cartões de memórias lotados de imagens. A fotografia sempre foi considerado um dado documental essencial para a pesquisa etnográfica, ainda que muitas vezes seu uso tenha sido definido como ilustração para a informação textual (ainda que criado para tanto) seu uso pode se ampliar para se pensar enquanto um artefato em si mesmo (Scherer, 1992:37) e esta pesquisa indica a possibilidade desse caminho na Antropologia.

ARQUIVOS NO MUSEU

A fotografia enquanto documento é parte constitutiva e primordial dos dados de campo de toda a pesquisa antropológica como foi essencial em Bronislaw Malinowski (Samain, 1995) seguindo até os dias atuais.

As tecnologias, entretanto eram outras para dar o suporte documental das pesquisas, um dos mais populares até a década de 1980 foram os diapositivos, amplamente conhecidos como slides ou transparências, normalmente emolduradas e apropriadas para projeção (CTDAIS, 2014:8). No formato de diapositivos de 35mm mais de 2400 diapositivos foram doados ao Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARQUE/UFSC), por Sílvia Coelho dos Santos antropólogo e falecido professor da UFSC.

Nascido em Florianópolis em sete de julho de 1938, historiador na sua graduação, fez pós graduação em Antropologia Social nos anos 1970 e atuou como professor na UFSC desde então. Esteve presente na consolidação do Instituto de Antropologia, estando a frente da sua direção por vários anos, atualmente conhecido como MARQUE. Idealizou o Departamento de Antropologia e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, além de criar e coordenar o Núcleo de Estudos de Povos Indígenas. Foi também presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e era membro da Academia Catarinense de Letras. Faleceu em Florianópolis no dia 26 de outubro de 2008, deixando uma brilhante trajetória acadêmica e suas coleções etnográficas. Foi aluno e orientado por Roberto Cardoso de Oliveira no Museu Nacional/UFRJ e desenvolveu uma pesquisa com a situação de contato dos Xokleng, em Santa Catarina, intitulada: “Índios e Brancos no

Sul do Brasil: A experiência dramática dos Xokleng” (Santos, 1974). Sua antropologia engajada também abarcou os estudos sobre as consequências sociais decorrentes de implantações de centrais hidrelétricas no estado. Ademais abraçou causas de movimentos indígenas, reivindicações e discussões sobre os impactos sociais e ambientais de grandes obras públicas e privadas.

Esta trajetória acadêmica produziu diversas documentações que somadas a coleções etnográficas de objetos foram doadas ao MARquE, que iniciou suas atividades em 1967, na época Instituto de Antropologia. Iniciativa do Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. O Instituto estava voltado para a construção de pesquisas na área de Arqueologia, Etnologia e Antropologia Física. Santos foi também diretor do Museu de Antropologia, sempre acompanhando de perto as atividades do Museu. Assim, de forma informal, no dia a dia dos compromissos do museu e da universidade foi alimentando o acervo com suas próprias coleções. A relação deste antropólogo com o museu etnográfico não se distancia de tantos outros exemplos possíveis dentro da História da Antropologia. Pois, considerando que museus como espaços de mediação, é potencial a interação intercultural dentro dos museus etnográficos e uma das pontas desta interação é tanto as populações pesquisadas quanto o antropólogo que doou seu acervo e sua pesquisa etnográfica.

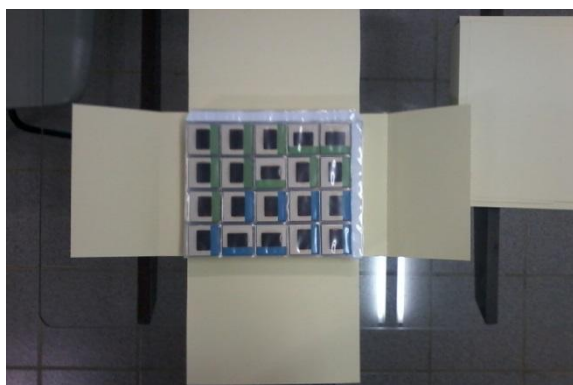
Enquanto professor da universidade Santos realizava suas pesquisas de campo em períodos como férias e ocasionalmente em licenças para a pesquisa de campo. O material fotográfico doado ao museu não contém informações textuais além de legendas nos diapositivos (data do registro, local), portanto o esforço da pesquisa aqui presente também se detém sobre o cruzamento das informações da biografia do antropólogo assim como suas produções acadêmicas que podem indicar pistas sobre os momentos de pesquisa do autor. Para tanto, dentre os mais de 2500 diapositivos possíveis para a pesquisa, defino como recorte para este momento algumas coleções de fotografias que são referentes às pesquisas realizadas entre povos indígenas ao sul do Brasil em diversos anos sobretudo nas décadas de 1970 e 1990. Os contextos das produções das imagens são as seguintes: durante doutorado, enquanto aluno do Museu Nacional/UFRJ e orientado por Roberto Cardoso de Oliveira, desenvolveu uma pesquisa com a situação de contato dos Xokleng, em Santa Catarina, intitulada: “Índios e Brancos no Sul do Brasil: A experiência dramática dos Xokleng” (1974), os registros fotográficos da do projeto "Compatibilização do Sistema Escolar para Minorias Tribais no Sul do Brasil" em 1973 para o MEC, para a

pesquisa que fez na organização do livro “Memória Visual Xokleng”(1997).

Em algum momento da sua trajetória enquanto funcionário do MARquE este material foi doado de forma informal, sem dados sobre quantidade de fotografias, informações sobre elas. A situação das fotos em si tenho acompanhado desde 2012 durante a pesquisa de mestrado e sua trajetória não será abordada neste momento, mas também um importante para pensar estas fotografias enquanto artefatos que contém uma vida posta em relação em constantes momentos, como pode indicar alguns caminhos propostos por Ingold (2011).

Atualmente os slides foram higienizados e organizados em caixas e estão para acesso de pesquisadores na seguinte forma:

Em caixas de papel neutro, dentro de fichas Close de uma ficha que armazena slides plásticas que armazenam 20 slides por ficha. diversos.
Cada caixa guarda 15 fichas.



O fato da doação das fotografias não ser ter sido oficializado num documento que comprove tal ato diz mais respeito a uma prática comum entre antropólogos e museus etnográficos do que a uma situação de burocracia. Estes slides ficaram guardados em armários por anos antes de serem colocados como fonte de pesquisa na reserva técnica e foi a própria demanda por estas fotos que fez a movimentação acontecer nestes anos, questão que será debatida mais a frente. O atual MARquE iniciou suas atividades como um Instituto de Antropologia que potencialmente era um espaço de pesquisa e especialização, alguns anos depois foi reformulado como museu de antropologia e somente após a reforma universitária de 1970 torna-se o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. Santos foi funcionário que teve sua

especialização patrocinada pelo então Instituto de Antropologia e frequentemente trazia das suas atividades de campo coleções etnográficas.

A atividade de pesquisa de campo que trazia coleções que alimentavam institutos de pesquisa, museus de antropologia e universitários era uma prática muito comum na Antropologia, e não somente brasileira, como descreveu George Stocking Jr (1998). Clifford (1998), por exemplo, destaca como exemplo o velho Trocadéro e o novo Musée de l'Homme na França. No caso do Trocadéro dos anos 1920, tinha seus objetos de arte mal classificados e mal rotulados, correspondia a estética do surrealismo etnográfico, o Palais de Chaillot, completamente moderno, encarnava o emergente paradigma acadêmico do humanismo etnográfico (Clifford, 1998:155). As diferenças apresentadas pelo Musée indicavam os ganhos científicos, com sua riqueza de dados ele proporciona tanto facilidades técnicas necessárias quanto o igualmente necessário delineamento de um campo de estudos – o humano –, em todas as suas manifestações físicas, arqueológicas e etnográficas. Clifford destaca que o amadurecimento de um paradigma de pesquisa cria a possibilidade de uma acumulação de conhecimento e conseqüentemente o fato do progresso acadêmico. Nesse sentido os museus etnográficos brasileiros aproveitam suas diversas expedições para acumular e crescer seus acervos na esteira das pesquisas científicas desenvolvidas.

Seguindo a ideia de que o museu é este espaço de mediação Roy Wagner (2010) argumenta que também se constituem como um espaço de articulação entre dois principais sentidos de “cultura”, uma vez que eles metaforizam espécimes e dados etnográficos, analisando-os e preservando-os, e os tornam necessários ao nosso refinamento, ainda que pertençam a outra cultura. A prática da representação da alteridade pode transparecer assim através do acervo dos museus seguindo esse enfoque. Ainda que os objetos colecionados não tenham sido produzidos com o intuito de representar ao entrar no museu ele se torna uma peça que se distingue de outras por isso, num movimento de redução e ampliação como Latour (2004) destaca. No entanto é possível abordar de uma outra forma na qual acompanhar o processo de arquivamento de um documento possa falar dele enquanto um produto também de uma técnica que o elabora, portanto o faz.

Para tanto é importante destacar que se os arquivos ficaram muito isolados intelectualmente nos debates antropológicos também é porque eles estavam sendo

tratados pelas outras áreas que os cruzam, como a Arquivologia e Biblioteconomia, com um olhar positivista atento sobre a neutralidade e objetividade que devem ser apresentados, inclusive pela invisibilidade dos profissionais que o cercavam (Kaplan, 2009). Mas salienta que a perspectiva tem se transformado, citando os trabalhos de Cook Schwartz (2009) como a mudança do paradigma sobre os arquivos, numa perspectiva pós-moderna. E persiste que a Antropologia deve continuar fazendo perguntas e que os arquivos devem ser questionados, pois também é o arquivo que permite pensar. O arquivo nos museus pode ser recorrente da história da antropologia, mas não é a história da antropologia. Para tanto é importante ressaltar quais são os embasamentos que fortalecem esse tipo de análise para produzir não apenas dados de uma História da Antropologia ou a biografia de um antropólogo colecionador, mas também que ampliem as possibilidades de análise de um campo que tenha como o arquivo como o objeto de análise.

Diferentes análises e perspectivas em torno do uso e natureza dos arquivos têm uma mesma preocupação, seguindo Michel Foucault (1986), é preciso conceber os conhecimentos que compõem os arquivos como um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações histórica e culturalmente constituídas — sujeitas à leitura e novas interpretações (Foucault 1986:149). O arquivo entendido aqui não como um reflexo de uma realidade material ou institucional, mas como participante de um processo através do qual são atualizadas as configurações dos enunciados.

Há então aqui inúmeras possibilidades de se construir uma pesquisa antropológica, e problemas de pesquisa, a partir de um material etnográfico. Olívia Cunha (2004, 2005) ao analisar arquivos etnográficos e pessoais caracteriza como fundamental para a compreensão de como certas narrativas profissionais são construídas e como são também resultados de um diálogo entre imaginação e autoridade intelectual, constituindo-se primordialmente como construções culturais (Cunha, 2004:296). São estas variáveis que tornam interessantes as reflexões acerca desta temática. O percurso de transformação e sobreposição de sentidos que transforma um encontro etnográfico em um “documento” (Cunha, 2005:9). São diversos encontros etnográficos que estão sob essa perspectiva agora. Pois há diferenças entre os arquivos, entre coleções e estilos de antropologia que produzem essas diferenças. Para pensar em alguns procedimentos para investigação cito:

Nos últimos anos, além de historiadores e arquivistas, antropólogos têm se voltado para os arquivos como objeto de interesse, vistos como produtores de conhecimentos. Não preservam segredos, vestígios, eventos e passados, mas abrigam marcas e inscrições a partir das quais devem ser eles próprios

interpretados. Sinalizam, portanto, temporalidades múltiplas inscritas em eventos e estruturas sociais transformados em narrativas subsumidas à cronologia da história por meio de artifícios classificatórios. Tais tentativas de inscrever evento e estrutura na topografia dos arquivos implicam procedimentos constantes de transformação. (Cunha, 2004:292)

Problematizar a própria produção do arquivo, uma vez que se trata da atuação dos pesquisadores, da interação com a pesquisa e com instituições. Mas também quando este arquivo, produzido por outros, a partir de demandas de memória, sai da esfera instrumental do pesquisador para se relacionar a outras pesquisas. É a este movimento que destaco. Sendo que a análise abrange os arquivos etnográficos nos sentido que Heymann destaca enquanto acumulação durante o fluxo natural de documentos produzidos e recebidos (Heymann, 2012: 65). Problematizar o arquivo, considerando sua trajetória, somando a do colecionador, é uma forma de analisar a como a memória, mais estruturante, está então imbricado ao processo. Cada documento é um acontecimento, cada arquivo como um processo a ser analisado.

Outra forma que tem se destacado nas pesquisas atualmente é a análise dos desvios da memória. Por exemplo, quando toda uma pesquisa acerca de uma memória de um grupo, como é o caso dos Xokleng está pautado em algo que para eles não há interesse em ser lembrado, então a quem interessa? Encarar o estudo do arquivo, das coleções, como equações, num sentido de economia da memória, e convergir as análises para as tensões entre a presença e ausência que uma informação, documentação, objeto tem naquele grupo é produzir uma análise substanciada e ampliada mas que depende de uma interlocução interdisciplinar. Uma vez que podemos pensar, como coloca Bessa-Freire (2013) que o arquivo pode ser algo que desafia, esses arquivos podem provocar, viabilizar e produzir novas pesquisas.

QUANDO LEMBRAR É FESTA E É DOR

Para atingir esta discussão é necessário fazer um recorte das inúmeras possibilidades que um arquivo etnográfico pode trazer. Para tanto opta-se por discutir parte dos registros fotográficos do antropólogo Silvio Coelho dos Santos. Esses registros, no seu formato de slides, estão sob processo da minha própria pesquisa de doutorado pensando as discussões que envolvem o arquivo, as coleções, a representação, assim

como a imagem e também a materialidade que a envolve.

Há uma potencial discussão sobre as capacidades das imagens em provocar sentimentos diversos no espectador. Neste sentido seguindo as ideias de que a imagem que invoca narrativas, seja ardendo como Didi-Huberman (2012) destaca e agitando conforme análise de Campbell (2014). As imagens se apresentam aqui também como a conexão da história pela sua proximidade e pelo próprio toque, através da sua materialidade. Se, quando registradas tais fotografias eram pensadas enquanto documentos de uma etnografia, no encontro (ou expectativa do encontro delas) na visita mais recente à reserva técnica apontam para o que Campbell indica de que suas implicações vão além do fotógrafo, do arquivo, do espectador. Apresentam uma nova perspectiva de história, além da documentada, cheia de tensões e carregadas de emoções.

Meu primeiro material com estes documentos ocorreu durante a minha pesquisa de mestrado. Uma, entre várias atividades da pesquisa foi a realização de oficinas em setembro de 2012 com estas imagens juntamente com os graduandos da Licenciatura Intercultural Indígena (LII)¹ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Foram apresentadas às turmas coleções de fotos registradas em pesquisa de campo entre os anos 1970 e 2000 em várias aldeias em Santa Catarina. Os registros disponibilizados na rede social Flickr (acesso pelo link: <https://www.flickr.com/photos/avisc/>) eram visualizados e os comentários eram feitos na plataforma virtual e divididos entre os colegas.

Álbuns foram publicados na rede social, seguindo o agrupamento dos slides nas temáticas organizadas pelo antropólogo antes da doação. Esses registros não eram apenas autorais, mas também um colecionamento de imagens do antropólogo em suas pesquisas em acervos públicos e particulares de registros do contato dos Xokleng com a sociedade nacional, a partir do início do século XX. Então, enquanto curador do seu livro “Os Índios Xokleng. Memória Visual” (1997), construiu a narrativa do livro destacando os primeiros contatos, a relação dos bugreiros nesse contexto, a experiência da pacificação, a relação

¹ A Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica atende os povos indígenas que vivem na parte meridional do Bioma Mata Atlântica: Guaraní (ES, RJ, SP, PR, SC, RS), Kaingang (SP, PR, SC, RS) e Xokleng (SC). Seu enfoque são os territórios indígenas, enquanto questão fundiária e ambiental no Bioma Mata Atlântica. Quando formado o graduando esta habilitado para uma das quatro licenciaturas: Licenciatura da Infância: Formação inicial comum para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas indígenas; Licenciatura das Linguagens: Ênfase Línguas Indígenas; Licenciatura em Humanidades: Ênfase Direitos Indígenas; Licenciatura do Conhecimento Ambiental: Ênfase em Gestão Ambiental. O curso funciona com etapas intensivas que ocorrem tanto nas comunidades como na UFSC, desde 2011.

com o órgão indigenista, a discussão das barragens e a luta do povo enquanto uma forma de resistência. As fotos seguiram com as legendas que poderiam ser a localização do registro, identificação do arquivo original, das pessoas na foto e autoria da foto.

As fotos seguiam a pesquisa do antropólogo mas eram visualizadas, questionadas, comentadas, concebidas e reconhecidas em outra ordem prevista pela iniciativa da oficina. Houve diversos momentos nos quais algumas fotos foram rapidamente puladas por vários alunos que não queriam rever as imagens daquele tempo. Identificaram que aqueles registros os colocavam em contato direto com o conflito da época, no qual o silenciamento² de um povo era o que mais se mostrava naquelas imagens. Quando alguém ainda se detinha a escrever sobre aquele tempo era ainda no sentido de lamentar todo o sofrimento que identificava. No entanto ao pular estas imagens e se deter em fotografias mais contemporâneas a eles as imagens ganhavam outra atenção e em seguida outras legendas. Tratavam de descrever a paisagem, as pessoas que estavam na foto, quem eram, as crianças que hoje são adultos e estavam no ensino superior, entre outras narrativas. Assim apresentavam outros caminhos potenciais, pelo que mostravam e pelo que não mostravam. Se a narrativa da coleção pudesse não ter interesse para todos os alunos, isso não significava que queriam ser esquecidas, mas que naquele momento outras narrativas eram latentes. Neste momento o movimento pode ser também compreendido como dois percursos diferentes da memória. Este descrito nas recusas de se deter sobre as fotos investe no esquecimento e no repouso compreendendo a “pacificação” Xokleng como uma estratégia de resistência. Mas também quando teciam comentários sobre as fotos, muitas vezes na própria língua, apresentava também outro interesse que acessava as imagens, entre seus iguais, pela língua fortemente silenciada no passado.

Esta oficina se associa com outra atividade em que graduandos, graduados da LII anciões da aldeia Xokleng-Laklãnõ T. I. Ibirama visitaram o MarquE. A ideia desta segunda atividade surgiu após uma semelhante visita dos alunos do LIC ao museu em março de 2011. Nesta visita alunos, professores e corpo técnico do museu, conversaram sobre a possibilidade de organizar uma visita dos Xokleng que não eram alunos, principalmente os anciões, para conhecer o MarquE futuramente. Então, em setembro de

² Silenciamento é um conceito incorporado pelas lideranças Xokleng mais jovens, especialmente os que se envolvem com os debates sobre a educação escolar indígena (KEIM, 2014, *apud* CONCEIÇÃO, 2015) que tem sido utilizado para substituir a ideia de “pacificação”. A “pacificação” foi a denominação utilizada frequentemente para descrever os primeiros contatos entre indígenas e não indígenas (SANTOS, 1973).

2015, um ônibus saiu da T. I. Ibirama no início da manhã para a visita guiada que mostrou a estrutura do museu, a exposição de arqueologia que ocorria naquele momento, a Reserva Técnica (RT) e diversas peças selecionadas pela equipe. Eu fui convidada pela equipe a participar da atividade, pois havia feito atividades semelhantes antes, então acompanhei durante todo o dia a visita.

Na RT as peças escolhidas foram colocadas em uma mesa na entrada, eram adornos, cestarias, mantas, flechas e arcos estavam separados para o contato imediato de todos, mediante o uso de luvas. Houveram explicações da equipe do museu acerca dos procedimentos no relacionamento com as peças, o cuidado por exemplo. Os objetos foram alvo de muito interesse como se previa, inclusive aqueles que não estavam imediatamente separados para a observação, como os guardados nos armários por exemplo. Outros que foram requeridos foram as fotografias das pesquisas do antropólogo, solicitadas em diversos momentos durante o dia. Os diapositivos não estavam acessíveis naquele momento e se organizou um acordo em realizar uma nova atividade com essas fotografias, entre a comunidade e a equipe. Em conversa depois da visita, somente entre a equipe, discutiu-se a necessidade da impressão das fotos, para a circulação, ou como exposição. Pois o interesse era nas fotografias, não necessariamente nos slides, então questionou-se a forma de apresentação deste material. Questões levantadas e ainda em aberto que apontam um interessante caminho. Quando as imagens são escolhidas para serem comentadas ou rapidamente passadas, assim como são requeridas materialmente em outro momento e por outro grupo de pessoas, pode indicar como imagens tocam o real (Didi-Huberman, 2012). O interesse em ver, ou não, em lembrar, ou não, em se emocionar, positivamente ou negativamente, perante a fotografia corresponde a um momento de encontro àqueles referentes da imagem.

Opto, a partir daqui, por ampliar um pouco a discussão sobre a experiência da visita para além das fotografias, mas também do contato com os objetos, pois a meu ver indica essa experiência incendiária da memória. Acompanhei esta visita guiada e tantas foram as emoções e novas idéias que surgiram deste encontro que será necessário outro momento para descrever este processo. Mas aponto que no fim do dia e da visita, enquanto estávamos sentados em um grande círculo no hall do museu e trocando as experiências e sentimentos sobre aquele momento, novamente foi levantado a expectativa havia sido nutrida, e infelizmente naquele dia não pudera ser contemplada, de também rever as

fotografias de Silvio Coelho dos Santos, nas quais se supunha ter os pais dos anciões, outros velhos que eles queriam lembrar. Nada mais justo se formalizar na roda oficialmente a necessidade de se construir um momento que vincule mais uma vez museu e índios na troca dos objetos que dizem respeito a eles e que estão no museu.

Assim o corpo do museu se dispôs de construir uma possível exposição, ou de levar as fotos, em papel ou por email, como fosse possível para que os mais velhos pudessem ver também aqueles registros. Então mais uma vez, conforme apontou esta pesquisa, acompanhar a trajetória das coleções, desde a sua construção e suas reapropriações, é uma forma de trilhar esses caminhos que cada vez mais indicam novas direções. Ao mesmo tempo que experimentar a memória através desses documentos, que sejam os objetos que sejam as fotografias, produziam um fervilhamento de emoções.

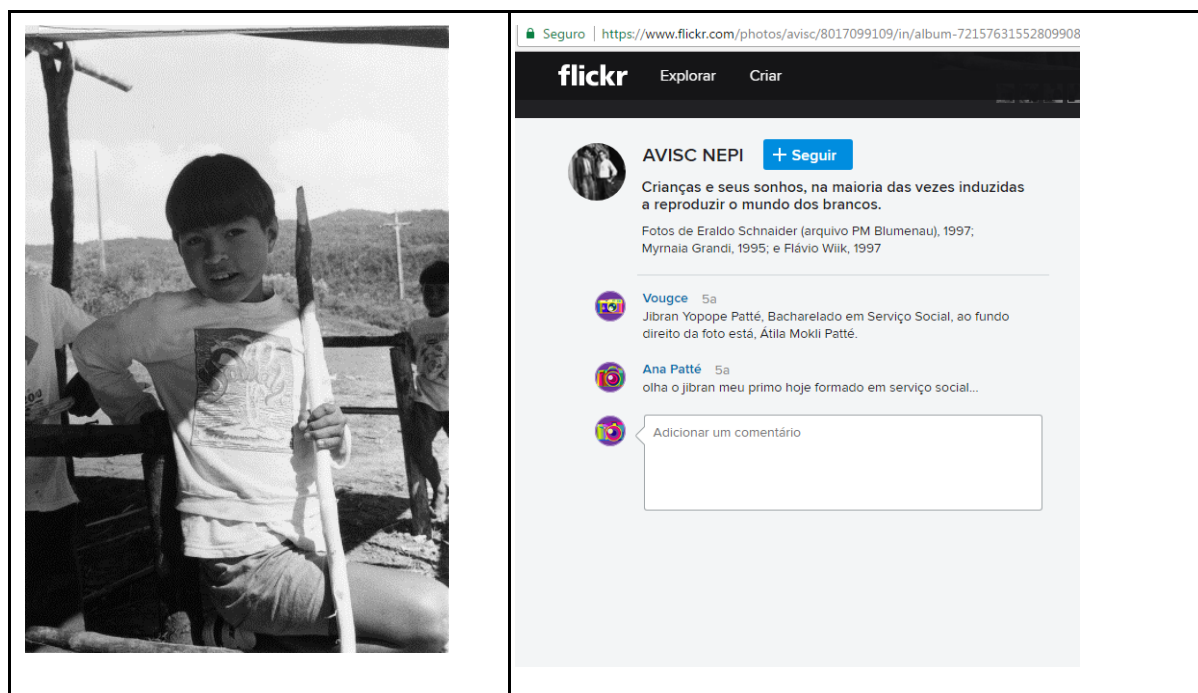
Nada mais poderia resumir melhor esse fervilhamento de emoções durante a visita à RT quando, por diversos momentos naquela tarde, jovens e velhos se colocavam em grupos ora separados ora juntos experienciando os objetos de formas tão distintas uns dos outros. Enquanto se chorava sobre o trançado que ninguém lembrava mais que se fazia, jovens riam do outro lado da RT brincando com os botoques. Nada mais extraordinário para pensar essa reapropriação e ressignificação da memória com um objeto que foi sistematicamente retirado do uso cotidiano dos Xokleng após o contato com a sociedade nacional e que os identificava antigamente como *botocudos* (Hoerhann, 2012:229). Que para velhos talvez nem havia a possibilidade de brincar com este objeto, mas entre os jovens outra experiência se colocava, se vivia. Nesta mesma roda no fim do dia foi destacada entre risos e lágrimas por um dos anciões que explicava o significado daquela visita. Reforçou que falar do passado dói para os velhos e para os novos é uma festa, mas ainda assim, para se viver é necessário que todos esses sentimentos sejam trazidos à vida.

O QUE SE DIZ E O QUE SE CALA

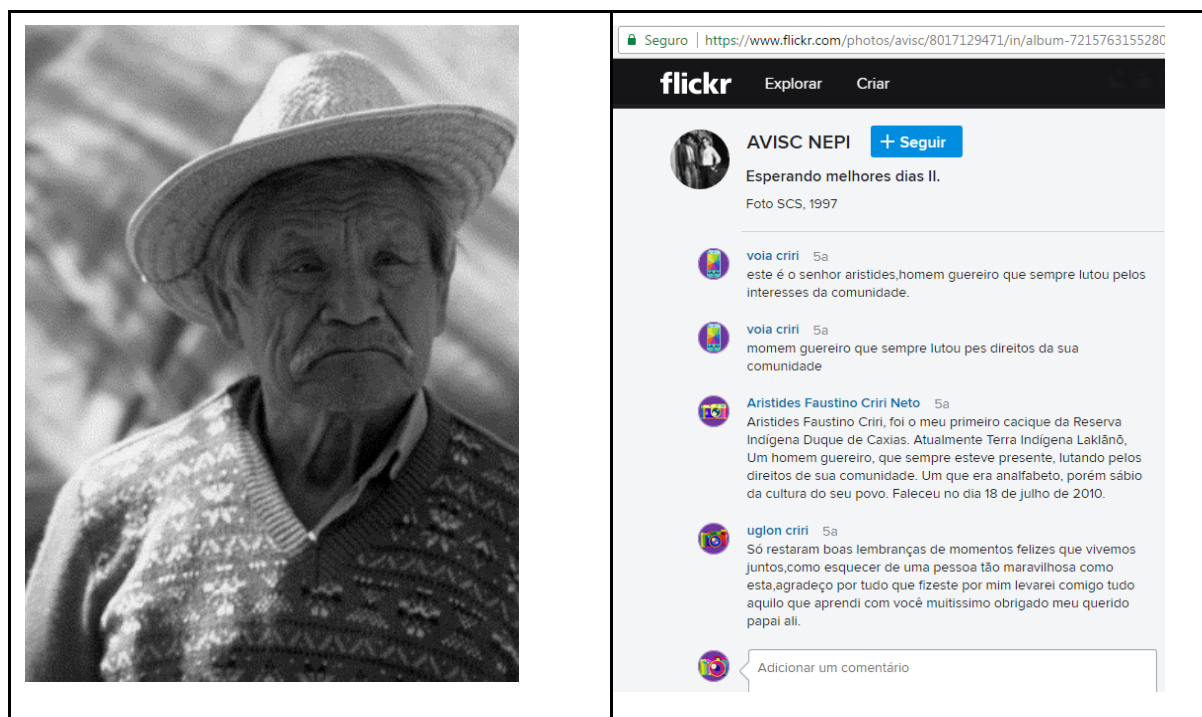
Em 2015 também fui chamada para conversar com a equipe do MarquE a respeito dos diapositivos. Visto a demanda na visita relatada anteriormente, do acesso às fotografias, a equipe estava reorganizando o acondicionamento dos slides. Durante o mestrado iniciei a higienização e documentação de uma parte dos slides, mas que foi interrompida por diversos motivos. Durante nossa conversa levei algumas anotações de

como fui organizando o material na época, assim como o que havia sido digitalizado para a oficina de 2012. A reorganização foi retomada recentemente e uma bolsista designada continuou a atividade de retirada dos diapositivos das caixas metálicas, limpeza individual e colocação em fichas plásticas sequenciadas, cada slide ordenado lado a lado. Cada caixa metálica original seguia alguns agrupamentos, por vezes vários na mesma caixa, que foram distinguidos enquanto Coleções, seguindo temáticas recorrentes. Mas havia algumas dúvidas que apareciam considerando o tempo entre o meu contato com o arquivo e agora. Como por exemplo o caso de um slide estava em uma caixa cuja sequência de jaquetas não seguia as demais e a foto trazia dúvidas sobre seu pertencimento àquela caixa específica. A dúvida sobre seu pertencimento àquela caixa, ou ao tipo de jaqueta que não se agrupava com as demais, ou a imagem que registrava que poderia indicar outra temática. Neste momento eu também fui incorporada a rede que liga tais objetos as pessoas, enquanto pesquisadora inscrevi informações sobre aquele objeto, ele se transformou.

A ida até o museu criou a expectativa de rever objetos dos antigos, ou ao menos produzidos por eles, assim como as fotos foram. As fotos foram colocadas na mesma categoria de documento, testemunho de um tempo. Mas assim como os objetos não tem em si a representação de toda a cultura material de um povo, a imagem também. As imagens nem sempre eram enquadradas da mesma forma que o antropólogo pensou anteriormente, como a imagem a seguir é apresentada no livro e a forma como a qual foi vista na oficina:



Na legenda no livro *Os Índios Xokleng: Memória Visual* esta foto está descrita desta forma: “Crianças e seus sonhos, na maioria das vezes induzidas a reproduzir o mundo dos brancos. Fotos de Eraldo Schnaider (arquivo PM Blumenau), 1997, Myrnaia Grandi, 1995; e Flávio Wiik, 1997.” (Santos, 1997). Quando a oficina foi realizada comentários as fotos foram adicionadas na rede social, de forma a produzir outras legendas, outras descrições para estas imagens. Por exemplo: “Vougce: “Jibran Yopope Patté, Bacharelado em Serviço Social, ao fundo direito da foto está Átila Mokle Patté.” e “Ana Patté: “Olha o Jibran meu primo hoje formado em serviço social...”. No comentário de Vougce temos o nome das duas crianças, sendo que a criança no centro da foto é lembrada também por Ana Patté pela sua formação superior. Outro exemplo com a imagem a seguir:



A legenda da foto no livro: “ Esperando melhores dias II. Foto SCS, 1997” (Santos, 1997). Na rede social seguiram esses comentários: Voia Criri: “este é o senhor Aristides, homem guerreiro que sempre lutou pelos interesses da comunidade”, Arisitides Faustino Criri Neto: “Aristides Fautino Criri foi o primeiro cacique da Reserva Indígena Duque de Caxias. Atualmente Terra Indígena Laklãnõ. Um homem guerreiro, que sempre esteve presente lutando pelos seus direitos e da sua comunidade. Um que era analfabeto, mas sábio da cultura do seu povo. Faleceu no dia 18 de julho de 2010.”, Uglon Criri: “Só restaram boas lembranças de momentos felizes que vivemos juntos, como esquecer uma pessoa tão maravilhosa como esta, agradeço por tudo que fizeste por mim, levarei comigo tudo aquilo que aprendi com você muitíssimo obrigado meu querido papai ali.”. As novas legendas apresentam essas imagens não mais, ou apenas, enquadradas na narrativa do contato que era prioritário no livro. As imagens se conectam com as famílias que reconhecem naquelas pessoas, sendo seus familiares inclusive. Essas possibilidades que emergem seguem é o que Campbell descreve como uma nova perspectiva da história, pois segue toda uma tendência da nova geração de índios Xokleng que busca repensar sua história para além da narrativa do contato, essas imagens ajudam a argumentar essa outra experiência histórica.

Em meio a este contexto outra questão foi levantada que dizia respeito ao acesso as imagens originais. Esta questão apareceu de duas formas, na primeira foi quando as oficinas em 2012 foram realizadas houve uma certa dificuldade para a compreensão da rede social Flickr, que era desconhecida para a maioria. Naquele caso foi necessário realizar um cadastro de cada aluno, através dos seus e mails pessoais, para habilitar a publicação dos comentários. Muito tempo da oficina foi despendido com esse cadastro, sendo que nem todas as fotos puderam ser visualizadas considerando o fim da aula que se aproximava. Portanto houve um momento de interação com a plataforma que não era o objetivo principal, mas que apontou que esta ação dizia respeito a materialidade de como as fotografias eram apresentadas.

A segunda situação ocorreu quando na visita ao museu em setembro de 2015 houve o pedido, em diversos momentos e para diversas pessoas da equipe do museu, para ver as fotos do antropólogo. Como descrito anteriormente as fotos não eram um dos focos a serem (re)conhecidos entre os objetos escolhidos na reserva técnica, portanto não foram colocados sobre a mesa. Neste dia ficou concordado em se pensar uma nova ação de parceria entre a comunidade e o museu para levar as fotos para que os anciões pudessem ver. Quando, em uma outra conversa com a equipe, ficou evidente que não se colocou as fotos porque havia a problemática do manusear os diapositivos, tão pequenos, em tantas mãos. E também se mostrar os diapositivos cumpriria o pedido de se ver as fotos ou melhor seria revelar as fotos em tamanho maior foram questões pensadas pela equipe para essa possível ação.

Se colocam nestes dois exemplos como a questão da materialidade da fotografia se apresenta enquanto um aparato técnico. As solicitações constantes para ver as fotos, tocá-las, ir ao museu para ver objetos e fotografias apontam para o caminho da reflexão do seu suporte. Nestes casos citados apontam para uma direção diferente do que se trata a imagem, enquanto sua indiciabilidade, mas talvez através da sua materialidade possa responder a motivação dessa solicitação. O debate sobre a materialidade tem aparecido no campo da Antropologia através das pesquisas já citadas de Appadurai (2008) e Kopytoff (2008) dentro da perspectiva de uma biografia da vida social dos objetos, mas também pelos debates sobre os objetos priorizando o conceito de agência nos debates elaborados por Gell (2012) e Latour (1998). Ao passo que Ingold (2010) dedica-se em não reforçar o conceito de agência, mas aponta para a vida das coisas, de reverter a

análise, propõe a perspectiva da análise da vida desses objetos seria a capacidade geral de compassar o campo de relações no qual as formas crescem e se seguram em um lugar. De outro lado também se destaca os debates de Miller sobre materialidade que tem tentando repensar o debate concentrando na revisão entre a divisão entre sujeito e objetos, para não apenas verificar que objetos podem ser agentes mas que as práticas e relações criam a aparência de ambos os sujeitos e objetos através da dialética da objetificação (Miller, 2005: 38). Dentro desses debates que circundam caminhos possíveis nesta pesquisa podemos pensar que relação é essa que o museu promove ao ver as fotos, enquanto objetos ao tocá-las, ou enquanto documento que podem trazer novas informações sobre quem aparece na imagem ou quem a registrou. Essas ações evidenciam as relações que as imagens produzem com o expectador, quando o que se tem o que falar e quando não se quer falar. Silenciar diz tanto quanto verbalizar, desde os primeiros contatos com não índios os Xokleng já elaboram isso em suas vidas e em sua história, não seria diferente também na relação com estas fotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, André e SAMAIN, Etienne. 2004. *Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado*. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

ASSMANN, Aleida. "Além dos Arquivos". In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, p.P 411-435.

APPADURAI, Arjun. "Mercadoria e a Política de valor. In: Id (org) *A Vida Social das Coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Ed. UFF, 2008, pp. 15-88.

BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORGES, Luiz Carlos. Relações políticos-culturais entre Brasil e Europa: O Manto Tupinamba e a questão da repatriação. In: *Revista Das Américas*. Rio de Janeiro, 2013.

CHAPMAN, Willian Ryan Chapman. Arranging Ethnology. A. H. L. Pitt Rivers and the Typological Tradition. In: STOKING JR, George. *Objects and Others*. The University of Wiscosin Press: 1998, 16-47.

CLIFFORD, James. "Colecionando arte e cultura" In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, no. 23, 1994.

CLIFFORD, James. “Museologia e contra-história: viagens pela Costa Noroeste dos Estados Unidos”. n: ABREU, Regina e HAGA, Mário (org). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

CONCEIÇÃO, Lays Cruz. *Vivências de escritas entre os Laklânô/Xokleng*. Dissertação (mestrado), UFSC/CFH/PPGAS, 2015.

CUNHA, Olivia M. Gomes da. Tempo Imperfeito: etnografia do arquivo. *Mana* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322. 2004.

_____, Olivia M. Gomes da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Estudos Históricos*, n. 36, Rio de Janeiro, julho-dezembro, p. 7-32, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. s: *Belo Horizonte*, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012.

EDWARDS, E. (Ed.). *Anthropology and Photography 1860-1920*. New Haven: Yale University Press, 1992.

FREIRE, José Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. In: *Terra das águas*. Revista Semestral do Núcleo de Estudos Amazônicos da UnB. Ano I, nº1, 1º semestre de 2009

FÜRBRINGER, Nádia P. *Coleções etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações*. Dissertação (mestrado), UFSC/CFH/PPGAS, 2013.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2012.

HOERHANN, Rafael Casanova de Lima e Silva *O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927 – 1954)* [tese] / Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann ; orientador, Profº. Drº Valmir Muraro - Florianópolis, SC, 2012. 283 p.

INGOLD, Tim. Bringing Things to Life: Creative Entanglements in a World of Materials. *Realities Working Papers 15*. ESRC National Centre Research Methods. Aberdeen, 2010.

JACKNIS, Ira. Franz Boas and Exhibits. On the limitations of the Museum Method of Anthropology. In: STOKING, George. *Objects and Others*. The University of Wisconsin Press: 1998. 75-111.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: *Tramas da rede*. Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Org. André Parentes. Editora Sulina: São Paulo, 2012, pp. 39-63.

L'ESTOILE, B. de. O paradigma do museu nacional. Reflexões sobre o museu dos

Outros. In: Rafael Zamorano. (Org.). *Os museus nacionais e os desafios do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011

MACDOUGALL, D.. In: *Transcultural Cinema*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1998.

MARCUS, CLIFFORD. *Writing Culture: The Politics and Poetics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986

MILLER, Daniel. Materiality: An Introduction. In: *Materiality*. Duke University Press: London, 2005, pp 1-50.

KAPLAN , Elisabeth. ‘Many Paths to Partial Truths’: Archives, Anthropology, and the Power of Representation. In: *Archival Science*. Netherlands, 2002, pp. 209–220.

KOPYTOFF, Igor, 1986, “The cultural biography of things: commoditization as process”. In: APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things: Commodity in Cultural Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press, 64-91.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995

SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Os índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajaí]: Ed. da UNIVALI, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.